



## **Os 40 anos de *O Eixo e a Roda* e a literatura brasileira do período colonial**

Corria o ano de 1982 quando professoras de Literatura Brasileira do Departamento de Letras Vernáculas da Faculdade de Letras da Universidade Federal de Minas Gerais (Melânia Silva de Aguiar, Ana Maria de Almeida, Ruth Silviano Brandão Lopes e Letícia Malard) se uniram para realizar uma publicação, a que deram o título de *O Eixo e a Roda* – como a indicar que se tratava de uma oficina de produção de estudos dedicados à área de conhecimento em que eram especializadas. Eram anos difíceis aqueles: as publicações acadêmicas impressas eram raras e caras – a Universidade pública e o Departamento pobre.

No ano seguinte, com o mesmo título, a publicação se repetiu, agora com todas as indicações – “Ano 1 – Volume 1 – junho de 1983” – de que a oficina trabalhava e pretendia continuar produzindo conhecimento. A indicação de “Ano 1 – Volume 1” deixava atrás de si o primeiro volume, de 1982, que se tornou, então, o número “zero” da série. A publicação de junho de 1984 trazia a indicação “Número 2”; e a de novembro de 1985, curiosamente, “Volume 4” – tudo indica que a intenção era recuperar o número zero, inserindo-o na série numerada, em que ocupava o primeiro lugar. Em novembro de 1986, a revista chegava ao “Volume 5”. Foi esse, ao que tudo indica, um período de hesitações: testemunham-nas a inclusão do primeiro número na série numerada apenas no quarto número da revista e a oscilação nas denominações de cada publicação – ora chamadas de “volume”, ora chamadas de “número”. Apenas os anos de publicação foram uniformemente sequenciais: 1982, 1983, 1984, 1985 e 1986.

Em 1987 não houve publicação. Seria outro sinal de hesitação? Em julho de 1988, enfim, apareceu o “Volume 6”. A essa fase da revista, até 1988, costumamos chamar, cá entre nós, de fase heroica.

Depois veio um período de hibernação, que durou até 2001, época em que já havia estímulo às publicações acadêmicas, e contribuições começaram a surgir de toda parte. Enfim, pelos esforços da Comissão Editorial composta pela professora Leda Maria Martins e pelos professores Murilo Marcondes de Moura e Sérgio Alves Peixoto, ressurgiu a revista *O Eixo e a Roda*, em seu Número 7. Até 2005 a revista teve periodicidade anual; a partir de 2006,

passou à semestral; em 2017, à quadrimestral e, em 2019, à trimestral – periodicidade que vem mantendo até hoje. Até o Número 2, de 2014, a revista era impressa; daí em diante passou a ser exclusivamente digital.

É curioso que, ao longo dos 40 anos de existência deste periódico, sejam raros, em suas páginas, os artigos dedicados à Literatura Brasileira do período colonial. Desde 2001, quando deixou para trás sua fase heroica, o periódico passou a trazer, “a cada número, um ou mais dossiês sobre temas e/ou autores relevantes da Literatura Brasileira”. Além dos dossiês, a revista tem a seção Varia, com artigos de temática livre – e, às vezes, há números inteiramente dedicados a esses artigos.

Exceto por um pequeno dossiê dedicado à obra de Manuel Botelho de Oliveira, em 2005, para celebrar os 300 anos da publicação do primeiro livro de poesias de um autor brasileiro, este periódico nunca teve um número ou um dossiê dedicado à Literatura Brasileira do período colonial. Em sua seção Varia, que aborda temas diversos, há poucos textos dedicados a autores dessa etapa histórica da Literatura do país. Mesmo num número dedicado à Literatura de Minas Gerais, que teve sua origem nos grandes poetas do século XVIII, praticamente não foi objeto de interesse especial a literatura daquele período.

Essa situação explica nossa escolha pelo tema do dossiê com que desejamos celebrar os 40 anos de existência de *O Eixo e a Roda*.

O dossiê contém textos que abordam temas que vão do século XVI aos primeiros anos do século XIX. Vários deles têm um forte pendor historiográfico. Alguns são dedicados à prosa do período, mas a maior parte é dedicada a poetas e à poesia. Constam do dossiê: “Relatos selvagens: o espelho indígena nas letras quinhentistas e seiscentistas”, que aborda as visões dos indígenas por Manuel da Nóbrega e Antônio Vieira (católicos), por um lado, e por Jean de Léry e Anthony Knivet (protestantes), por outro; “Modos de ver e de representar: o retrato feminino na poesia atribuída a Gregório de Matos”, em que é abordada uma questão central na poética gregoriana; “O último soneto de Manuel Botelho de Oliveira (ca. 1706)”, texto com importantes contribuições biobibliográficas desse poeta brasileiro; “Academia Brasília dos Esquecidos: história e literatura”, em que é descrito o funcionamento da Academia criada em 1724 – primeira manifestação acadêmica formal de nossa história; “Entre o Bosco Parrasio e os penhascos do Itacolomi: presença da língua italiana no Arcadismo brasileiro”, que

aborda a importantíssima relação da “Arcádia Ultramariana” com a Arcádia Romana; “A narrativa mítica, heroica e crítica da guerra: diálogo poético entre *A gruta americana*, de Silva Alvarenga, e o *Canto heroico*, de Cláudio Manuel da Costa”, em que são aproximados, por razões historigráficas, um poema de Silva Alvarenga e um poema de Cláudio Manuel da Costa, ambos muito pouco conhecidos; “Luz e sombra numa lira de Dirceu”, análise de uma lira de Tomás Antônio Gonzaga; e, por fim, “Uma introdução ao livro *Poemas* de Ovídio Saraiva”, obra de caráter neoclássico publicada em 1808.

Como costuma acontecer, a revista traz, também, a seção Varia, com artigos de temas diversos. Neste número, estão contemplados os seguintes aspectos da literatura em geral e da brasileira em particular: considerações teóricas acerca das relações entre o terror e a tragédia grega, ligados ambos para alcançar seus efeitos – o terror e a piedade – à questão da verossimilhança; reflexões sobre o papel do medo na instauração do gótico, próprio do romance gótico inglês, como elemento utilizado nas narrativas oitocentistas do romance *Úrsula*, de Maria Firmina dos Reis, e da novela *Uma história de quilombolas*, de Bernardo Guimarães; estudo analítico e intertextual do poema “Meus amores”, de Luís Gama, como subversão mais intensa da convenção petrarquista do que a realizada por Camões nas “Endechas a Bárbara escrava”; e, por fim, uma investigação do mundo vegetal representado em *Água viva*, de Clarice Lispector.

José Américo Miranda  
Gilson Santos  
Francisco Topa